

pspEΓ

Magazine, no. 1

Búzios 2016





babEL Búzios Magazine
outubro 2016, no.1

Editor /Designer Gráfico
Armando Mattos

Conselho Consultivo
Mônica Villela
Clemente Neto
Fernando Tige
Anna Bella Geiger

Diagramação
Caroline Moreira

Edição
GALERIE Armando Mattos

Impressão
A Tribuna Gráfica

Tiragem
2.000 exemplares



/Babel_magazine

Como em outras cidades-espetáculo da América Latina, Búzios é emblema do turismo globalizado que tem questões específicas na oferta de bens e serviços, tanto pelas demandas da população fixa, como pela presença, não raro volumosa, de uma população flutuante. Búzios é uma vila de pescadores que foi transformada pelo turismo.

Diversos participantes durante a bienal de arte de Búzios/bab tomaram como base de suas produções a relação entre o turismo e o ideal da vida aldeã, pois ainda que a aldeia de pescadores tenha sido destruída em sua função primária, a cidade, ironicamente, mantém uma imagem de turismo onde os relacionamentos humanos ainda parecem existir. Mas Búzios é uma quimera paradisíaca que esconde por trás das imagens românticas do turismo, o desrespeito com o meio ambiente natural.

A atualidade histórica nos sugere pensamentos cosmológicos, inteligência ambiental e coletiva, assim como ecologias naturais e sistêmicas.

32a.Bienal de São Paulo

A arte então serviria, mais do que nunca, para sinalizar, apresentar, representar, denunciar e ilustrar as demandas das perspectivas globais.

“Como em outras cidades-espetáculo da América Latina, Búzios é emblema do turismo globalizado”

Na obra “Fotonovela - A Felicidade de Adão” vemos o diálogo entre a artista **Laura Lima** e esse curador: uma encenação que ao ser transportada para o contexto da Armação, propõe uma analogia com o *blá-blá-blá* das politicagens nesse paraíso do turismo.

A intervenção “Sinalização Urbana II” do carioca **Raoni Moreno** também aponta para outra encenação na Armação: um lugar decorado para parecer uma cidade ideal mas que sofre com gestões políticas malfadadas e o fluxo intenso do turismo.

“Búzios é um lugar onde os relacionamentos humanos ainda parecem existir”

A crônica da pintora e poetisa **Iara Rosa**, por outro lado, nos distancia das vicissitudes do presente ao rememorar os velhos tempos em que Búzios era um distrito de Cabo Frio e tinha apenas um telefone.

Os registros fotográficos do belga **Charif Behenlima** e a instalação do coletivo **Opavivará!** também reavivam essa aura de uma Búzios idílica. Assim como o depoimento do grafiteiro dinamarquês **Miles** enaltece a capacidade de sermos uma cidade tropicaliente afável e receptiva ao turista. O texto-poema de **Roberto Corrêa dos Santos** exalta as experimentações sensíveis entre as artes e a península: *a arte e as marés do percurso e o indo e vindo e o ar e o aceno ao sim*].

Nas páginas de babEL encontramos ainda os poemas visuais de **Osmar Dillon** e **Lenora de Barros**; o conto da escritora **Thais Medeiros** e a performance poética de **Claudia Hersz**; a joia-escultura de **Virgilio Bahde** e o mobiliário inflável do designer **Claudio Martins**.

babEL traz ainda, a análise crítica de **Gília Paes** sobre a atualíssima mostra de Laura Lima no *Institute of Contemporary Art*, Miami - ICA.



“Sinalização Urbana II” de Raoni Moreno, intervenção Orla Bardot (bab 2011)



IARA ROSA

Armando Mattos (e sua ternura) me solicita que escreva sobre Búzios, lembranças, histórias que vivi e que assisti outros viverem. Isto seria como escrever a continuidade do livro “Buzionautas” que publiquei em 2006 com fatos de gente que veio e deixou de vir a Búzios.

Aquiles, por exemplo, era um buzionauta risonho, alto, leve. Dotado de liberdade solta nas conversas e risadas com os companheiros pescadores. Ele me lembrava as pipas coloridas que os meninos soltavam no morro da igrejinha. Elas dançavam pelo céu num balé fantástico envolvendo a pequena e antiga capela de Santana D’Armação.

A capela foi construída pelos jesuítas que andaram por aqui fazendo história.

Não sei se Aquiles nasceu em Búzios ou imediações. Sei que, como os jesuítas, ele também construiu sua história. Uma boa e gostosa história. Ele foi o proprietário do lendário bar Central, onde existiu o primeiro P.F.(Prato Feito) de Búzios.

Lá, servido por sua esposa uma linda e singela mulher, criou-se o primeiro P.F. composto de arroz, feijão, peixe frito e salada. Muito apreciado.

***“Em Búzios ninguém morre.
Deixa de vir.”***

Aquiles, com seu nome de herói grego disse uma frase que nunca olvidei:

“Em Búzios ninguém morre. Apenas deixa de vir”.

Assim esta história de morte não é para Búzios. Não mesmo.

Búzios tinha grandes defeitos, para alguns. Para outros, os defeitos eram classificados de maravilhosas virtudes.

Não tinha água, luz ou telefone. A estrada de acesso ao vilarejo era cheia de buracos e crateras.

-- É terrível! – diziam alguns

-- É maravilhoso! – diziam outros.

Para compensar possuía uma paz difícil de ser encontrada em outros lugares.

Havia um posto telefônico. Uma mocinha encantadora de nome Maga, dona de uma grande paciência, atendia e chamava os que recebiam telefonemas. Mandava avisos para os que não fossem encontrados. Não havia urgência porque o atendimento era difícil. Uma hierarquia, não se sabe a origem dominava o sistema de ligações.

Primeiro lugar – Cabo Frio;

Segundo Lugar – Mangueinhos;

Terceiro lugar – Búzios.

Assim que uma chamada poderia durar 24 horas para ser atendida.

“Uma paisagem seca, uma vegetação rasteira maltratada pelos ventos. A natureza ciumenta escondia sua beleza entre enseadas.”

Búzios e eu temos um amor particular. Suave, gentil, risonho e azulado. Desinteressado como devem ser todos os amores. Amor que nem a morte separa. Porque em Búzios ninguém morre. Apenas deixa de vir.

No bar dos saudosos buzionautas que deixaram de vir Aquiles e Pacato, passaram gerações perdidas, encontradas, jovens nordestinos fugindo de secas, sul americanos perseguidos por estúpidas ditaduras, aventureiros franceses que corriam o mundo sem destino. Filósofos, pensadores meditavam sobre a vida, cientistas puros e químicos igualmente puros.

Com dinheiro ou sem dinheiro era possível viver em Búzios. A natureza se encarregava de alimentar a todos. Mariscos cozidos nas noites era um bom sustento. Quem ajudasse a puxar as redes ganhava peixes frescos para a refeição do dia. Povo de bom coração e carinhoso.

O fiado também era praticado e a necessidade era só de ficar. Ninguém queria ir embora, ninguém!

Búzios, fruto de um grande momento de amor entre o criador e a criação, ali estava como um prêmio para todos.

Quando cheguei aqui pela vez primeira, num velho fusca, por uma estrada de barro cheia de crateras, sem ver o mar, sem o cheiro do mar por quilômetros de poeira, eu duvidei que fosse um lugar de praia.

“Deve haver um engano”. – pensei.

Uma paisagem seca, uma vegetação rasteira maltratada pelos ventos. A natureza ciumenta escondia sua beleza entre enseadas.

O vilarejo possuía duas ruas. Foi só quando chegamos à rua principal (hoje Rua das Pedras) encontramos uma pequena Vila com poucas casas, pintadas de branco com janelas azuis. Uma serenidade grandiosa, atingiu a todos nós. Ficamos calados, inteiramente atordoados com aquela imensurável beleza. Diante de nossos olhos espantados estava Ele, aquele mar AZUL com suas ondas meninas e sua sonoridade de uma harmonia sinfônica. Era o Mar da Vila de Sant’Ana de Armação dos Búzios.

O ano era 1970. O azul possuía o colorido deixado pelos deuses que habitaram o planeta. Sua beleza não se liga ao tempo: É eterna.

Armação dos Búzios, 13 de setembro de 2016



Âmbar de Búzios

decoração & presentes

Rua das Pedras, 116 - loja 6 - Travessa dos Arcos - tel.(22)2623 4298



@ambardebuziosluizrandon



/ambardebuziosluizrandon



a

DEbuTanTe

TR. THAIS MEDEIROS



Quando eu tinha 15 anos, eu sempre ia ao zoológico. Ia tanto que conhecia os animais melhor do que as meninas da minha idade. Aliás, era para estar longe das pessoas que eu ia ao zoológico todos os dias. O animal que eu conhecia melhor era uma jovem hiena, ela me conhecia também. Ela era muito inteligente - eu a ensinei a falar francês, e ela, em troca, me ensinou a língua dela. Assim nós passávamos juntas muitas horas agradáveis.

Minha mãe estava organizando um baile para mim no dia primeiro de maio. Nessa época eu passava noites inteiras aflita - sempre detestei bailes! Ainda mais em minha homenagem...Na manhã do dia primeiro de maio de 1934, saí muito cedo e fui visitar a hiena.

- “Nossa, para mim é um sacrifício, disse para ela, ter que ir ao meu baile é hoje `a noite”.
- “Você é muito sortuda”, ela respondeu, “Eu adoraria ir! Não sei dançar, mas pelo menos eu poderia conversar um pouco.”
- “Vai ter um monte de coisas gostosas para comer, vi caminhões de comida sendo entregues na minha casa”.
- “E você ainda reclama!”, respondeu a hiena, com nojo, “Pense em mim! Como apenas uma vez por dia, e você não pode imaginar o monte de sangue imundo eu tenho que engolir”.
- Eis que tive uma idéia audaciosa e quase dei uma gargalhada: “Tudo o que você tem que fazer é ir no meu lugar!”
- “Ah, que pena que não somos parecidas o suficiente, senão eu iria com prazer”, disse a hiena um pouco chateada.
- “Escuta! Ninguém enxerga bem com aquelas luzes. Se você conseguir se disfarçar, duvido que alguém consiga perceber você na multidão. Além do mais, somos praticamente do mesmo tamanho e você é minha única amiga, eu te peço pelo amor de Deus! Faz isso por mim!

Ela pensou um pouco e eu percebi que ela realmente queria aceitar.

- ‘Combinado’, ela disse de repente.

Não havia muitos funcionários a essa hora ainda, era muito cedo. Abri a jaula dela e em poucos minutos nós estávamos na rua pegando um táxi. Em casa, todos dormiam. Entramos no meu quarto e eu peguei o vestido que eu deveria usar no baile.

Como ele era um pouquinho longo, a hiena teve dificuldades para andar com os meus saltos. Encontrei um par de luvas que serviram para esconder as suas mãos, muito cabeludas, ficando parecidas com as minhas, e quando o sol começava a brilhar na minha janela, ela já era capaz de dar várias voltinhas no quarto mais ou menos empinada. Nós estávamos tão ocupadas que minha mãe quase a viu – antes que desse tempo dela se esconder embaixo da cama – quando abriu a porta para me dizer bom dia.

- “Tem um cheiro estranho no seu quarto”, disse minha mãe, enquanto abria a janela. “Você devia ter tomado um banho bem perfumado ontem à noite com meus novos sais de banho!”

- “Sim, com certeza”, falei.

Ela não ficou muito tempo, acho que o cheiro era muito forte para ela.

- “E não se atrase para o café da manhã”, ela disse saindo do quarto.

“Ela não ficou muito tempo, acho que o cheiro era muito forte para ela.”



A maior dificuldade era encontrar um meio de disfarçar o rosto da hiena. Nós ficamos horas e horas procurando uma solução, mas ela sempre rejeitava as minhas sugestões. Enfim, ela disse, “Acho que já sei o que vou fazer! Você tem uma empregada?”

- “Sim”, eu respondi confusa.

- “Pronto! Então peça para ela vir aqui, e quando ela chegar a gente pula em cima dela e arranca o seu rosto. Vou usar o rosto dela ao invés do meu!”

- “Isso não é muito prático...”, eu disse, “Ela provavelmente vai morrer se não tiver um rosto! E depois, com certeza alguém encontraria o corpo e nós seríamos presas.”

- “Mas eu tenho fome o suficiente para comê-la inteira”, a hiena respondeu.

- “E os ossos?”

- “Como também”, ela disse, “só isso?”

- “Só com uma condição: você tem que me prometer que vai matá-la antes de tirar o seu rosto. Iria machucá-la demais se fosse o contrário”.

- “Tudo bem, por mim tanto faz”.

Fiquei um pouco nervosa na hora de chamar a Mary, minha empregada. Jamais faria isso se eu realmente não odiasse tanto ter que ir ao baile!

Mary entrou no quarto e eu virei de costas para não ver nada - devo admitir que não levou muito tempo: um chorinho rápido, e acabou. Enquanto a hiena comia, eu olhava pela janela. Alguns minutos depois ela disse:

- “Não agüento mais! Não consigo mais comer! Os dois pés dela ainda estão sobrando mas se você tiver uma sacolinha eu posso comer eles mais tarde’.

- “Veja se consegue encontrar uma bolsa embrulhada com estampa de flor-de-lis na prateleira do armário. Tire os lenços que estão dentro e fique com ela.”

A hiena fez como eu disse e, em seguida, falou:

- “Agora você já pode virar, veja como eu estou linda!”

Em frente ao espelho, a hiena admirava-se com o rosto da Mary. Ela tinha dado várias mordidinhas elegantes em torno do rosto de modo que o que restou era exatamente o que ela precisava.

- “Você certamente sabia o que estava fazendo!”, eu disse.

Quando escureceu, a hiena já estava completamente pronta e disse: “Estou me sentindo realmente em forma, acho que vou arrazar!!”

A música já tocava há algum tempo quando eu falei para ela:

- “Desça lá agora, e lembre-se: não fique perto da minha mãe! Ela é capaz de desconfiar que você não sou eu. Mas além dela, não conheço ninguém. Boa sorte.”

Dei um beijinho nela e ela se foi, realmente: tinha um cheiro muito forte.

Anoiteceu. Cansada pelas emoções do dia, peguei um livro e me sentei perto da janela aberta, dando a mim mesma um pouco de paz e silêncio. Lembro que eu estava lendo As Viagens de Gulliver, do Jonathan Swift. Uma hora depois, percebi os primeiros sinais de confusão. Um morcego passou pela janela chorando baixinho. Eu morro de medo de morcegos! Rapidamente me escondi atrás da cadeira, meus dentes tremiam! Estava ajoelhada no chão, ouvindo as asas batendo sobre mim, quando o som foi abafado por um barulho enorme vindo da porta. Minha mãe entrou no quarto pálida de raiva.

- “Nós tínhamos acabado de nos sentar à mesa” - ela disse – “quando aquela coisa sentada no seu lugar levantou-se e gritou”: “Eu não cheiro bem e daí? Eu não como bolo!”.

Em seguida ela arrancou seu rosto fora e comeu. Deu um salto pela janela e desapareceu.”

Thais Medeiros (RJ, 1978). Artista, tradutora e editora da publicação Rébus.
www.rebuspress.wordpress.com

A ficha técnica do conto: A Debutante:

The Debutant, **Leonora Carrington** (publicado na Anthology of Black Humour, de André Breton, editora Telegram, 2009). Tradução, 2009 Thais Medeiros, publicado na Rébus 2.

Ficha técnica das imagens - A Debutante:

Cenas do curta A Debutante, estrelando Marcella Maria ‘Mc Xuparina’ (1978-2016) Artista, atriz, performer, precursora e ativista queer. Fez diversos shows no Rio de Janeiro e na Europa, tendo se estabelecido em Berlim. O figurino do filme é de Glaucia Mayer e Tatiana Dager.

Filme A Debutante (2009) - Direção Thais Medeiros - Edição e trilha sonora Icaro dos Santos - Estrelando Marcella Maria ‘Mc Xuparina’
Figurino por Glaucia Mayer e Tatiana Dager- Fotos Tatiana Dager - Agradecimentos Vicente de Mello

Laura Lima

THE INVERSE

por Gília Paes



Laura Lima é uma artista conhecida no Brasil e no exterior por uma obra irreverente e de difícil classificação. Já criou jantares que estão acondicionados em acervos de museus para serem comidos daqui a 30 anos. Já dopou mulheres para dormir em Instituições. Colocou pessoas para puxar a paisagem do lado de fora para dentro da galeria. Inventou um museu de arte abstrata dirigido por uma criança de 11 anos. Construiu uma alfaiataria também dentro de um museu. Fez um filme com duração de 100 horas. Envelheceu com maquiagem especial todo o staff de um centro de artes. Trouxe uma vaca da montanha para a praia de Ipanema no Rio de Janeiro. É a primeira artista a ter performances compradas por um museu brasileiro. São vinte anos de uma mente profícua e incansável.

Laura é também uma das fundadoras da A Gentil Carioca, galeria de arte referência no Rio de Janeiro, juntamente com Ernesto Neto e Marcio Botner.

Recentemente, foi notícia em jornais e sites especializados do mundo com sua primeira individual nos Estados Unidos, The Inverse, em cartaz até 30 de outubro deste ano no ICA de

Miami. A exposição causou grande polêmica quando duas das oito mulheres participantes decidiram recorrer a um jornal local, o Miami New Times, denunciando o ato requerido pela artista: a introdução da ponta de uma corda da largura de um dedo mindinho na vagina das participantes.

É preciso entender o contexto da obra e como ela aconteceu na Instituição. A artista encomendou ao museu um quilômetro de uma corda sintética de navio, tingida de azul escuro. A corda enrolava vigas e colunas do atrium da Instituição e criava algo monumental entre o desenho e a escultura. Serpenteava ascendente e descendentemente os 4 andares do edifício e diminuía em diâmetro até a largura de um 1 cm, quando então, era acoplada ao corpo de uma mulher. Com o título da obra The Inverse, todo este trajeto poderia ser descrito ao inverso, a corda sai do corpo da mulher e serpenteia todo o espaço dado. Da mulher só se via parte do corpo, mais especificamente da cintura para baixo, preservando a identidade da participante. A mulher usava uma camisola que deixava a “cópula” em mistério e sugestão.

“Laura fala do ‘vivente’, aquilo que é vivo, esta é uma vertente crucial nas obras da artista.”



Installation view 'The Inverse' at the Institute of Contemporary Art, Miami - all photos by Fredrik Nilsen Studio, courtesy of the artist and ICA Miami



“É sempre uma surpresa quando alguém deturpa o sentido do trabalho.”

Laura Lima é conhecida por criar situações que duram meses dentro das Instituições trabalhando com a participação de pessoas. Em entrevista a revista americana Artforum, declara que ficou surpresa com a reclamação.

Essa obra faz parte de um grupo de trabalhos que começou nos anos noventa. Naquela época, eu queria fazer uma obra que fosse radicalmente diferente de performances dos anos 60 e 70 e que, geralmente, requeriam a presença do artista. Eu desejava algo onde as pessoas fossem parte da construção da imagem - e onde não houvesse hierarquia entre os participantes e qualquer outra matéria que compunha a obra. Eu não ensaio minhas obras, assim, eu tenho que preparar minuciosamente os participantes, porque ao fim, eles é que cuidarão de tudo, juntamente com a Instituição. Eu explico todos os conceitos relativos a obra, a forma como penso sua construção e a maneira com que as pessoas devem se engajar. Evidente que cada participante é diferente, e por conseguinte somente estão aptos a realizar a obra, aqueles que se sentirem confortáveis, confiantes e comprometidos com a proposta. O texto de abertura da exposição apenas fala que a corda conecta-se ao corpo, mas você não vê como. Não é apenas uma coisa que vai dentro de alguém, mas também, algo que sai, fazendo com que você perceba a estrutura tomando o espaço. Quando eu estava em conversa com as participantes, nós não falávamos da tarefa como radical. Era provocativa, mas não escandalosa. É sempre uma surpresa quando alguém deturpa o sentido do trabalho. Em vinte anos eu nunca tive problemas, mas eles podem acontecer, claro!”

Laura fala do “vivente”, aquilo que é vivo, esta é uma vertente crucial nas obras da artista. A natureza do que é vivo é frágil, assim como a obra está em constante risco, parte dela vai pra casa depois do turno de trabalho no museu, pode não voltar no dia seguinte. As relações sociais, os valores e significados das coisas são fundamentais na fala da artista. “As participantes são mulheres, assim não se pode dizer que o feminismo não tenha a ver com o trabalho, mas as pessoas tendem a pensar a idéia do feminismo de forma onde tudo relacionado a ele é sobre vitimização. Eu sou uma mulher construindo esta obra, seria melhor não rotulá-la, principalmente porque a idéia do feminismo é muito complexa”. Quando perguntada sobre as reações a radicalidade de algumas de suas obras e a nudez presente nelas, ela completa: “Para mim, a integridade da obra vai sobreviver a essa reação. Uma obra de arte e a reação que causa podem criar diálogos, sublinhando os preconceitos que existem sobre o corpo, a nudez e até a arte contemporânea. Eu não tinha intenção de causar uma reação desse porte, e a qualidade do que está sendo discutido não toca em questões que realmente existem no meu trabalho. Acho que não pode haver tabus na arte. No entanto, não construo minha obra para ficar quebrando tabus, porque seria um exercício muito superficial. Tabus surgem e são quebrados por processos sociais, a arte pode ajudar aí. No entanto, a noção de sexualidade tem muitas nuances, e é uma construção mais complexa, assumir que a nudez equivale somente a sexualidade é deixar de perceber que o humano faz muitas coisas nu que não são sexo”.

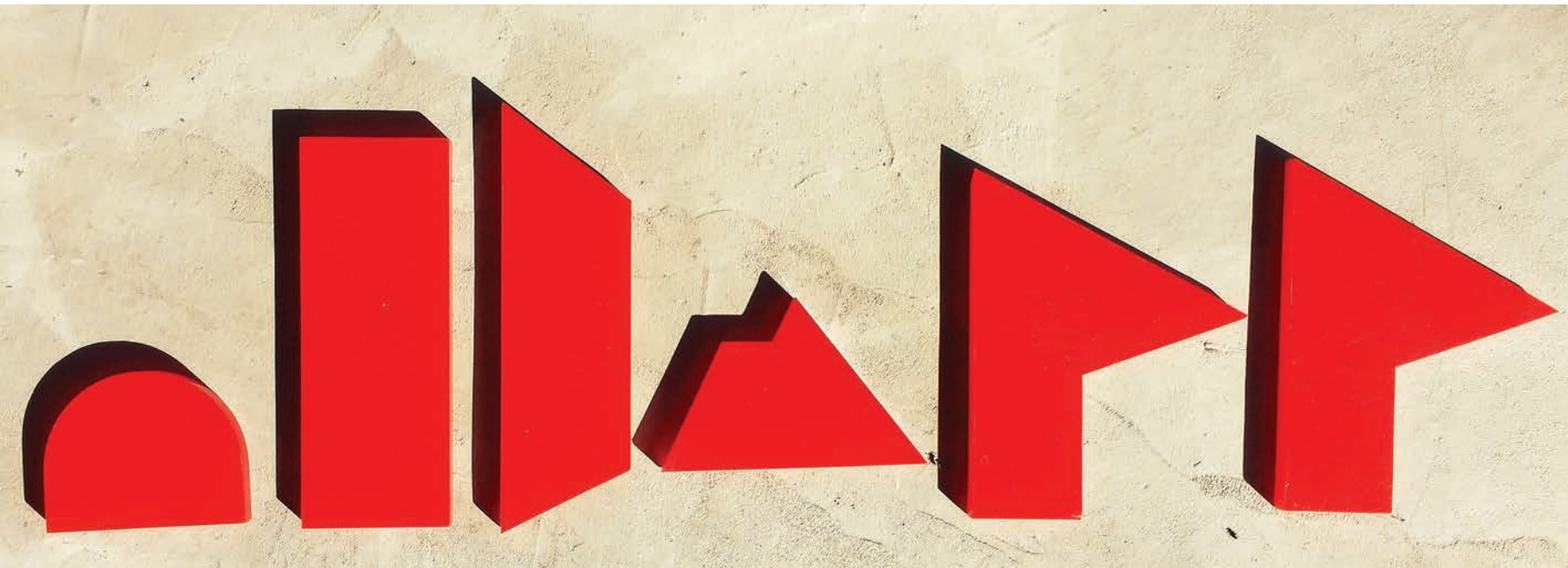
Laura Lima é graduada em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, também estudou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage,. Em 2003, criou a galeria A Gentil Carioca junto com os artistas Márcio Botner e Ernesto Neto. Participou de exposições nacionais e internacionais, como 11, 12, 13, 14 and 15 Rooms (Manchester, Rurh, Sydney, Basel, Shanghai); Nuit Blanche, (Mônaco, 2016); Triennale de Aichi, (Nagoia, 2016); as 24ª e 27ª Bienais de São Paulo (São Paulo, 1998 e 2006); Chapter Art Centre (Cardiff, 2004); 2ª e 3ª Bienais do Mercosul (Porto Alegre, 1999 e 2001); 11 Bienal de Lyon; Kunst Werke (Berlim, 2001) e curou o Pavilhão do Absurdo na 7 Bienal do Mercosul, Grito e Escuta. Exposições individuais, ICA, Miami, (Miami, 2016); National Gallery of Copenhagen DNK Museum, (Copenhagem, 2015); Galeria Luisa Strina, (São Paulo, 2015); Bonniers Konsthall, (Estocolmo, 2014); Bonnefantenmuseum, (Maastricht, 2014); Migros Gegenwartskunst Museum (Zurique, 2013); Casa França-Brasil (Rio de Janeiro, 2011), La Centrale (Montreal, 2010); Galeria Laura Alvim (Rio de Janeiro, 2009) e A Gentil Carioca (Rio de Janeiro, 2008), entre outras. É ganhadora do Prêmio Marcantonio Vilaça de 2007, indicada ao Prêmio Francophone de 2011 e ganhadora do prêmio BACA Bonnefanten Award for Contemporary Art, 2014.

Gília Paes nasceu nos anos 20 e segue a arte desde que era moderna. É pesquisadora diletante e especializada em glossolalia, caligrafia e história contemporânea. Colabora em revistas do Brasil e do exterior e recentemente publicou pela '9 letras de forma' o livro (A) Poesia Muda, sobre os poetas mudos a margem do Rio São Francisco. fontes: artforum.com, hyperallergic.com e jornal O Globo.



“Fotonovela - Felicidade de Adão” (detalhe) de Armando Mattos com “Atravessamento” de Laura Lima na Orla Bardot (bab 2009)

Uma das questões seminais do movimento Neoconcreto, vem de sua relação aproximada entre poesia e artes visuais. Uma relação possível, naquele período, pelo entrosamento entre artistas visuais e poetas que compartilhavam das soluções que ampliaram as pesquisas da arte Concreta no Brasil.



“Paz” de 1965, acrílico recortado

Osmar Dillon

“
...inaugura um
entrosamento
maior entre as
palavras e as
formas, entre a
construção das
imagens e o
sentido aberto
dado as palavras
no contexto geral da
escritura...”

“Suas experimentações alcançaram diversos suportes: papel, madeira mas, principalmente o acrílico.”



“Cheio” 1961, madeira pintada e recortada

Uma relação entre poetas e artistas visuais que tomou como base a participação do espectador/leitor propondo ao público uma ação frente ao objeto de arte.

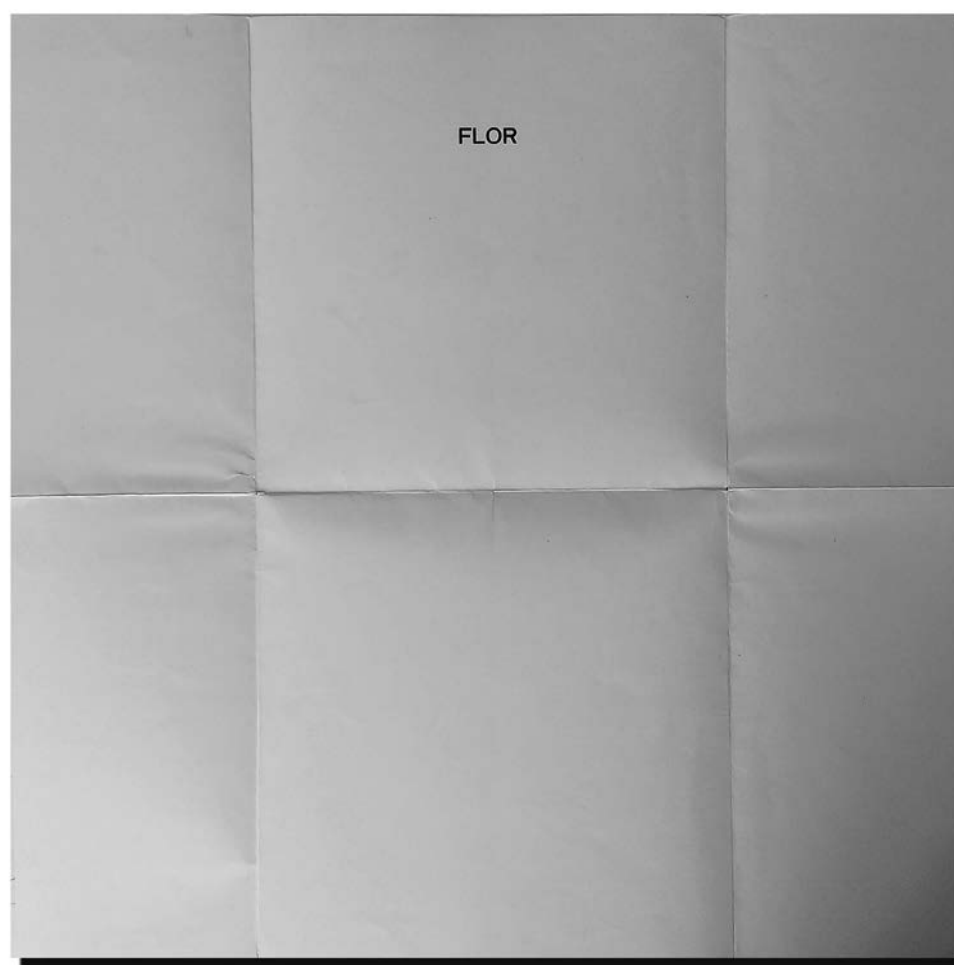
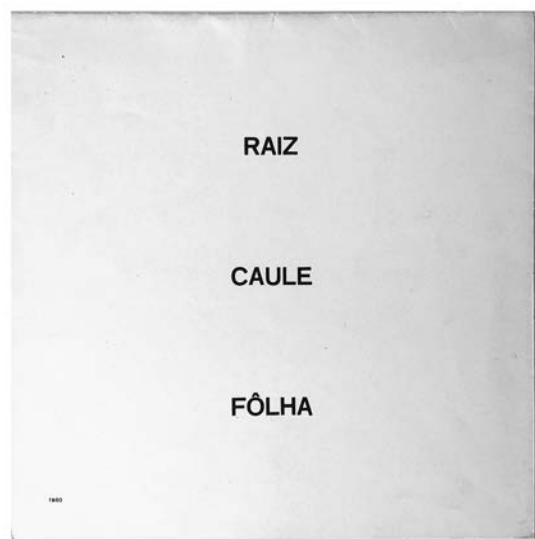
A arte Concreta no Brasil abre espaço para o exercício de experimentações entre as linguagens, entre palavras e formas. Entre a construção das imagens e o sentido aberto dado às palavras no contexto geral da escritura poética.

O arquiteto, poeta e artista **Osmar Dillon** (Belém, 1930 – Rio de Janeiro, 2013) que participou do momento inaugural do Concretismo brasileiro e experimentou essa relação entre as artes visuais e a poesia, ainda não tem sua trajetória artística devidamente analisada.

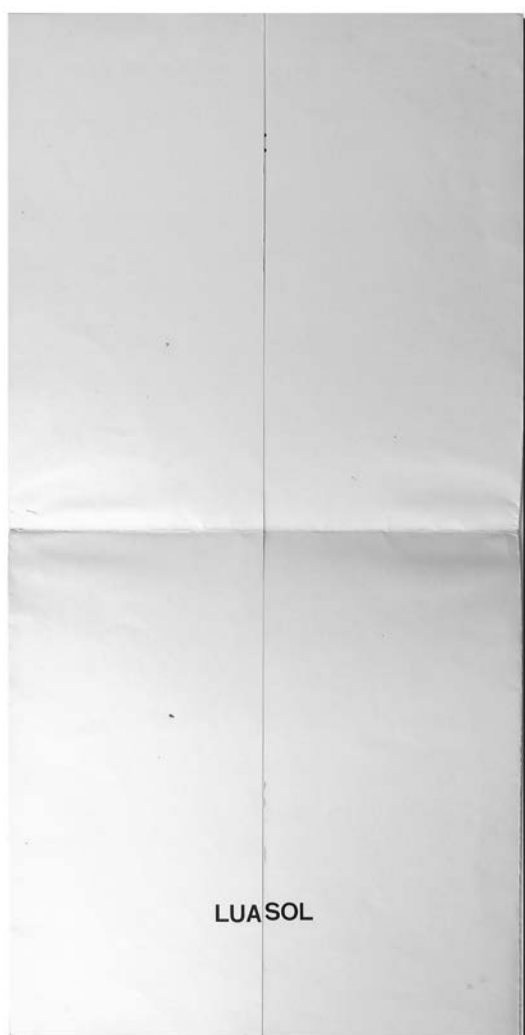
Sua produção que inclui uma série de poemas-objetos, alcançaram diversos suportes como o papel, a madeira, o vidro e principalmente o acrílico descoberto pelo artista no início dos anos 60 em Nova Iorque.

As obras “Flor”, “Paz” e “Cheio”, por exemplo, são ‘acionadas’ pelo manuseio lúdico. O espectador-participador interage por meio de ações simples, como abrir uma página, girar um objeto ou montar um quebra cabeças. Uma proposta fundamentada em referências históricas como o Surrealismo, o inconsciente, a Semiótica e a Fenomenologia de Merleau-Ponty que buscava alcançar uma aliança maior entre a arte e a vida, e que levou Dillon, assim como, Lygia Clark e Hélio Oiticica para o espaço de proposições artísticas com o corpo.

“Nesses objetos, o espectador interage por meio de ações simples, como desdobrar uma página, girar um objeto ou montar um quebra cabeças.”



“Flor” 1960, impressão sobre papel dobrado





Claudia Hersz, "ROC COR" na Orla Bardot (bab 2011)

MILES

BRAZIL/DENMARK

In Denmark, for many years, there was a zero-tolerance policy to all graffiti. During this time the politicians, the media and self-proclaimed “graffiti experts” manipulated people into thinking that graffiti was a reason to feel unsafe – and that all graffiti should be removed immediately, before it would multiply.

Graffiti was something bad and something you were “supposed” to hate. If you are caught painting illegal graffiti in Denmark, as well as many other countries around the world, you can be punished with huge fines and even jail.

The Danish railway company and the city of Copenhagen take photos of all illegal graffiti, so they can try to prosecute graffiti offenders with multiple counts of graffiti, once they are caught.

This led to cases with graffiti writers being fined more than 1 million R\$ and up to 2 years in jail – a punishment more severe than even many rape offenders received at that time in Denmark.

Then came the street art movement, and even the people with money and power could not ignore the popularity of artists like Banksy from England.

Street art as an art form was, and still is, a lot easier to understand and digest for the average citizen. The “normal” attitude in the public then became to like or love street art, but still hate graffiti.

For the average citizen in Denmark, this is still the case, but it is changing slowly, as more and more people are starting to accept and even like big colourful – legal – graffiti murals. They are still disliking them if they are illegal, regardless of how intricate and beautiful they may be.

For me, painting graffiti in Búzios/Brazil has been a great experience. To see they way people appreciate the work you are doing and how thankful they are, that you actually paint big colourful murals completely for free and for everyone to enjoy, regardless of social status or personal income.

To me this is proof that original letter based graffiti can be of interest and joy, even for people outside of the graffiti community, and that graffiti writers don’t necessarily need to make their work more graphic, or street-art like, or character based to

“For me, painting graffiti in Búzios has been a great experience.”

make it intriguing for people outside of the graffiti culture. The vibrant colours and shapes, the technical skills and the playful twisting of letters into a personal style, as well as the long resistant history of graffiti as an art-form should be enough to deserve some attention and recognition from anyone, in my opinion.

Grafite na Ilha do Caboclo e no Colégio Estadual João de Oliveira Botas/CEJOB (bab 2016)



Seu primeiro plástico na adolescência, foi uma cortina de banheiro que transformou num pufe com bolinhas de isopor igual ao que tinha visto numa revista. O jovem **Claudio Martins** já sabia usar a máquina de costura da avó e a cortina foi devidamente reciclada.

Nenhum outro material conseguiu ter com ele a mesma química que os plásticos.

A partir de 74 no curso de Design Industrial da PUC-RJ, Claudio começou a pesquisar técnicas de transformação artesanal que mimetizassem os processos industriais associados à fabricação de objetos plásticos. Com a natural habilidade manual, conseguia transformar suas ideias em objetos reais.

No início da década de 80 foi morar em Nova Iorque estagiando num show-room da moda de vanguarda. Ao retornar para o Rio conheceu Luiz de Freitas, o “Mr.Wonderful”, para quem apresentou um modelo de pasta feito com tapete de automóvel. Luiz comprou imediatamente a ideia para a sua loja e as pastas foram um sucesso imediato de mercado: começou assim a criar e produzir acessórios a partir de matérias-primas incomuns como as borrachas industriais até chegar ao PVC.

Suas ideias passaram pelas vitrines do Rio e de São Paulo: Mr.Wonderful, Yes Brazil, Company, Interdesign, Ellus, Zoomp, Maria Bonita, entre outras grifes e lojas de departamento, logo chegando a outras capitais do Brasil.

Seus produtos também foram comercializados nas cidades de Glasgow, Paris e Nova Iorque.

Claudio Martins é também responsável pela abertura de um mercado mais sofisticado para os produtos confeccionados com plásticos.

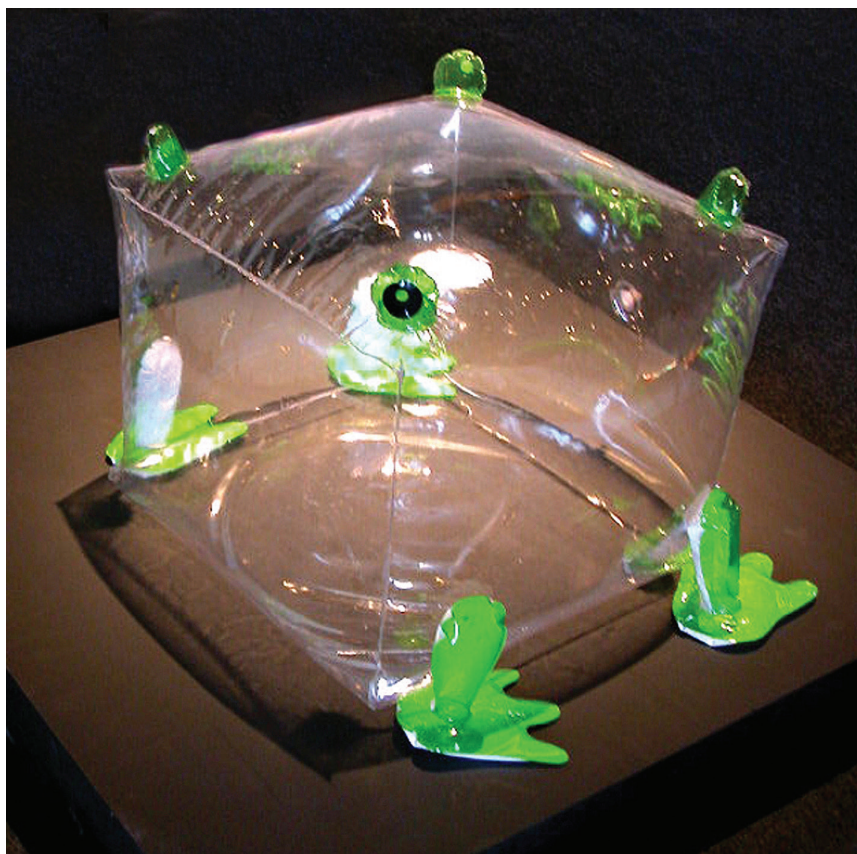
Em 84 criou o **Museu Moderno** que produzia linhas exclusivas de produtos em PVC para as marcas Cau Stationary, Paper House e Papel Principal.

Sua fábrica **TudoPlástico** dominou o mercado com pesquisas e uso de técnicas para reprocessar e reciclar materiais que incluíam um processo inédito de impressão no PVC.

Brindes promocionais, embalagens, displays, cenografia, decoração e mobiliário, também fazem parte dos acessórios idealizados por ele.

Claudio Martins

IDéias plásTICas



P u f e

S a p o



CRISTINA BRASIL

Decoração Ambientação Coisas Divertidas

Av. José Bento Ribeiro Dantas, 2900 - Porto da Barra, loja 22 - Búzios | TEL. (22) 99740- 2818
portodabarrabuzios.com.br/cristina-brasil

O artista e joalheiro **Virgílio Bahde** trabalha com pedras brutas sem lapidação mas de uma maneira delicada para que as peças alcancem a textura e a aparência de peças esculpidas. Joias que não se prestam à ostentação.

Suas formas são sutis como aquela pérola que aparece quase escondida em meio à tiras desencontradas de ouro.

Os elementos mais se escondem do que se exibem.

Em seu ateliê no Humaitá, o artista testa o encaixe das pedras e as combinações com o ouro e a prata de forma totalmente intuitiva. Cria com o que tem à mão, sem planejar muito. Virgílio executa algumas joias como se fossem gravuras trabalhando em cima de cada pedra com estudos e experimentações buscando encontrar luzes nos veios, para daí, seguir um caminho que não é traçado logicamente.

“Sigo o caminho das pedras e da intuição.”

Nas séries *Corpos de Ramona*, por exemplo, a intenção é ‘modular’ sentimentos que revelem a delicadeza da alma feminina. Nas joias, as pedras são lapidadas ressaltando os pontos luminosos que emanam do interior do objeto. Em outras peças, o que está em evidência é o uso do couro como elemento de ligação ou suporte, que favorece a criação de elementos arquetípicos e lúdicos e que transitam entre o real e o imaginário.

JOIA ESCULTURA



Virgílio Bahde

Virgílio Bahde é carioca com formação em Belas Artes pela UFRJ com especialização em gravura no Museu do Ingá/Niterói. No final dos anos 90 manteve um show room de suas coleções durante quatro anos, em Nova Iorque. Desenvolveu coleções de joias e acessórios para Lenny Niemeyer e Guto Carvalhoneto. Em 2006 o fotógrafo Helmut Newton fotografou seus trabalhos para Vogue americana. Suas jóias já foram comercializadas, com exclusividade, pelas grifes Dona Coisa e Maria Bonita e expostas nas galerias de arte Simetria e Arte & Espaço.



PAREDE GENTIL N° 27
XÔ DOR
por Lenora de Barros
TBA 21 collection
DE 09/09/2016
A 07/01/2017

CONTEUDO 300 ml



Rua Gonçalves Léo, 11 e 17 Centro RJ
www.agentilcarioca.com.br

bab convite-ao-xadrex-philía-entre-artistas-público-artista-em-obra-em-obra

[a arte e as pesquisa de imaginários e o seguir a qualquer tempo e o aceno ao sim]

bab lugar-feitura-recepção-de-arte

[a arte e os tantos de risco e o êxtase e o aceno ao sim]

bab: sentidos-diferidos-de-convivência-trabalho-de-arte

[a arte e as camadas de saberes e o disseminar e o aceno ao sim]

bab: famílias-por-vínculos-de-sangue-em-arte

[a arte e os sustos das primeiras intuições e o ir operando e o aceno ao sim]

bab: bienal-atemporal-búzios

[a arte e os atos e os gestos e o incontornável e o aceno ao sim]

bab: museu-residência-quântica.

[a arte e as sobras e os acúmulos e o intervir e o dispor e o aceno ao sim]

bab: curadorias-de-artistas

[a arte e os erros e os traumas criadores e o reverter e o aceno ao sim]

bab emergências-plástico-estésico-visuais

[a arte e as buscas do inatural e do inumano e do humaníssimo e o aceno ao sim]

bab: motor-operatório-de-forças

[a arte e os registros do descontínuo e os arquivos do afeto e o aceno ao sim]

bab: aproximação-trocas-ampliadas-de-potências-criadoras

[a arte e as dissolvências das formas e o sagrar a vida e o aceno ao sim]

bab: site-specific-enorme-inventado-matérico

[a arte e as pulsões que se aceitam e as que se instalam ou assombram e o aceno ao sim]

bab: terreno-oceano-mobilidade-dobra-onda-superfície-a-deslocar-se

[a arte e as marés do percurso e o indo e vindo e o ar e o aceno ao sim]

Armando, actually, it is suitable to write, in one, about bab and your work as an Art Curator. The Artistic Curatorial work to be managed, THE EVENT, plastic, esthetic, visual that is revealed by this operative field of power, that happens naturally by the proximity and exchange of creative forces: BAB, as a type of a wide specific site, invented and with content - a landscape to be created, to be put in movement. Your ideas are wide, generous and stimulative, poetic. The public, as 'cosmic manifestations'; perfect. Being that, the only way: from artists to artists. The dream of Nietzsche and Pessoa of a 'Fifth Empire' (The Empire of the artists). Becoming alive, those equally capable are no longer the public and can move on to the creation of art.

Roberto Corrêa dos Santos, é graduado em Letras, Mestre em Literatura e Doutor em Semiologia com Pós-Doutorado pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade Contemporânea é professor Adjunto Efetivo de Estética e de Teoria da Arte do Instituto de Artes da UERJ desde 2004). Pesquisador do CNPq tem estudos relacionados aos campos da Teoria da Arte e da Literatura, da Semiologia da Arte e da Literatura, bem como ao da Filosofia da Arte e da Estética. Exerce atividades de artista e de escritor no terreno das práticas a envolverem arte e escritura, além de realizar escrituras/instalações corporais e vocais de natureza performática. Inaugurou o Projeto Poesia Visual do Oi FUTURO-Ipanema. Publicou diversos livros de poemas e aos livros de artista com interesse especial nos intercâmbios expandidos entre arte e escritura. Foi crítico de Arte da Revista The Voice.

WHAT'S ***bab*** ?

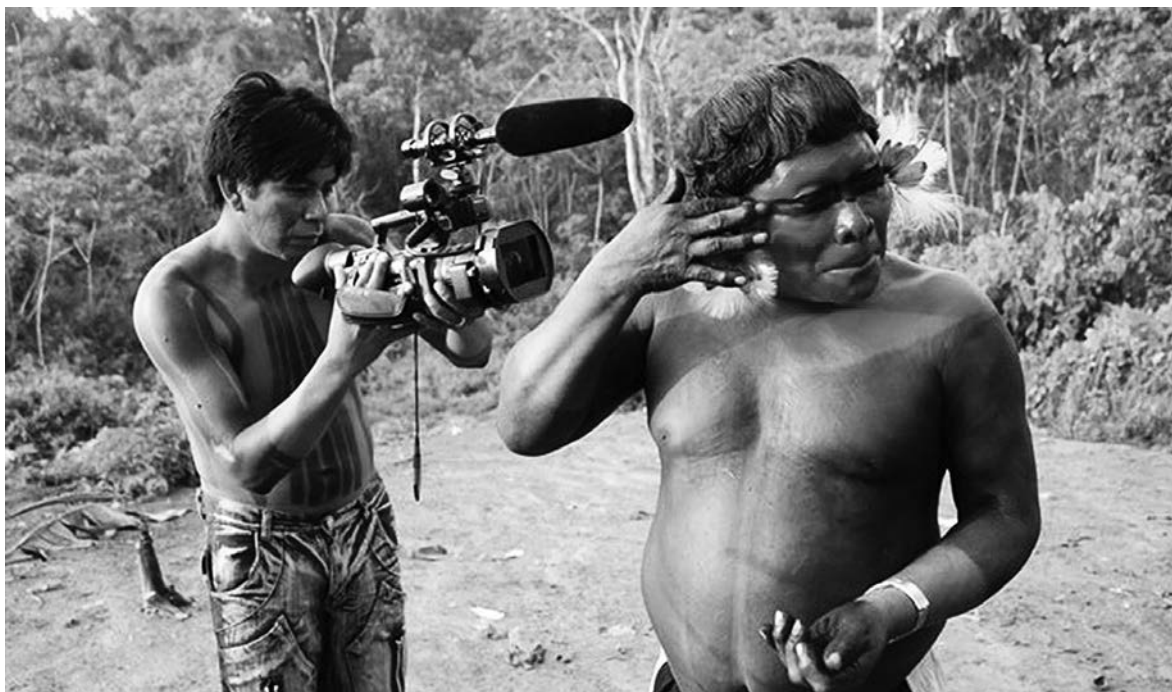
***bab** is a research programme specialising in artistic practices in the public space. With its guest speakers (artists, communicators, theorists) **bab** develops theoretical reflection concerning art in the wider context (architecture, suburban areas, landscapes), commission typologies, new reception mechanisms and art in situ. Thanks to its collaborative ventures with different regional social and cultural partner organisations, the programme is able to carry out full-scale experimentation in the city. **bab** has defined new exploration and interaction processes between art and territory, to invent new forms of visibility for art.*

***bab** is a means to encounter, to confront and to debate with the city. The programme is aimed at young artists concerned with the problems of art/public space, that is, those recently graduated from an Art school or equivalent background. It leads to the realisation of individual and group practical work involved with territory and the city.*

***“bab is a means
to encounter,
to confront
and to debate
with the city”***

*The objective of **bab** is expanding concepts and artistic tools for the understanding of the inherent qualities of arts and its relationship to urban culture. The program focus on collective activities, performances, moving images influence on urban architectures relationship to avant-garde, the city as a source for art works, and reflections about urban spaces in contemporary art.*

The curatorial programme consider the globally expanding urban developments and the increasingly fluid borders, between research in contemporaneous art, and the presence of important cross-disciplinary demands for sound and visual practice fields. Bearing in mind Gilles Deleuzes' sensitivity to the ways in which the contemporary culture is becoming fundamentally an audiovisual culture, the event will outline ontological and psychological relationships in the context of urban environment.



Coletivo Vídeo nas Aldeias foto: CTCD

Sob o título *Incerteza viva*, a 32ª Bienal de São Paulo tem como eixo central a noção de incerteza a fim de refletir sobre atuais condições da vida em tempos de mudança contínua e sobre as estratégias oferecidas pela arte contemporânea para acolher ou habitar incertezas. A exposição se propõe a traçar pensamentos cosmológicos, inteligência ambiental e coletiva assim como ecologias naturais e sistêmicas.



Ursula Biemann, *Forest Law (Lei Florestal)*, 2014, Ursula Biemann e Paulo Tavares



INCERTEZA VIVA

32ª BIENAL DE SÃO PAULO 10/9 - 11/12, 2016 · Parque Ibirapuera · São Paulo · Brasil

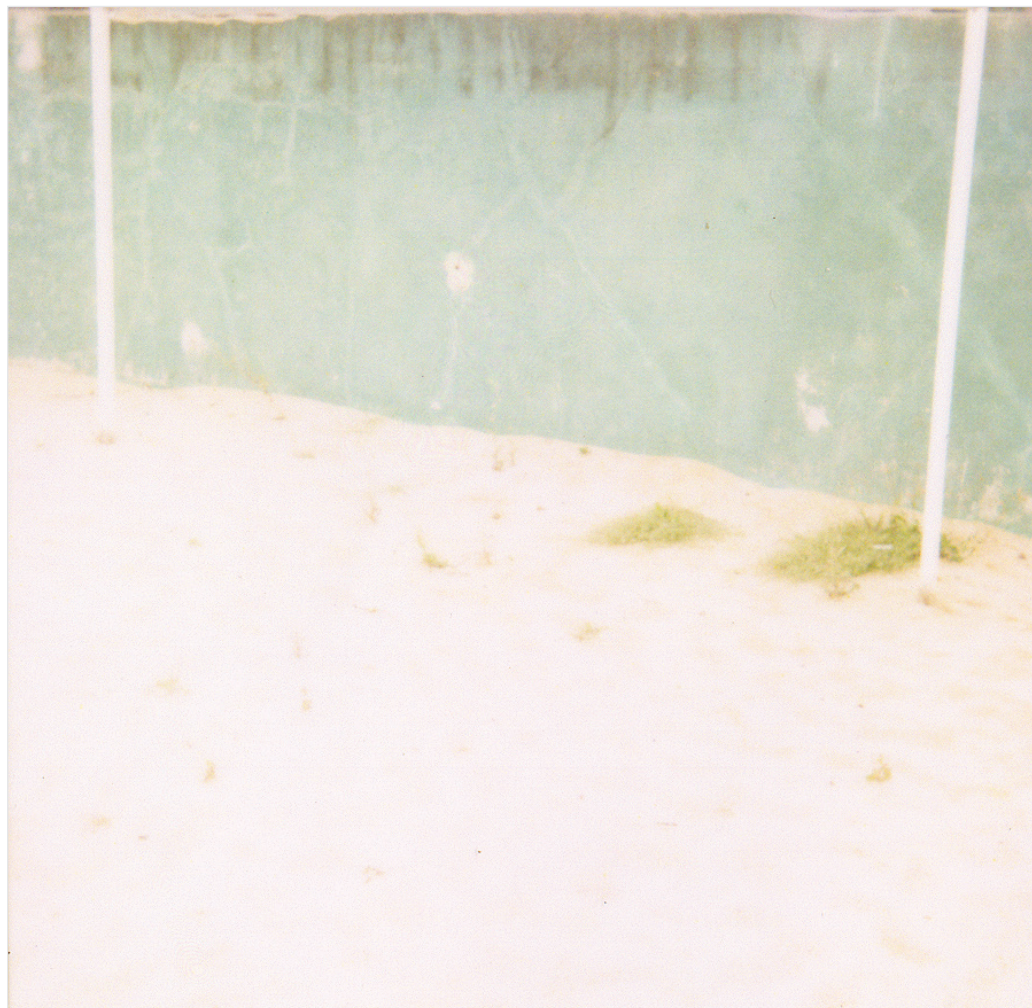
Para que possamos enfrentar objetivamente grandes questões do nosso tempo, como o aquecimento global e seu impacto em nosso habitat, a extinção de espécies e a perda de diversidade biológica e cultural, a instabilidade econômica ou política, a injustiça na distribuição dos recursos naturais da Terra, a migração global, entre outros, talvez seja preciso desvincular a incerteza do medo. A incerteza está claramente conectada a noções endêmicas no corpo e na terra, com uma qualidade viral em organismos e ecossistemas. Embora esteja atrelada à palavra crise, não é equivalente a ela. Incerteza é, sobretudo, uma condição psicológica ligada aos processos individuais ou coletivos de tomada de decisão, descrevendo o entendimento e o não entendimento de problemas concretos.

A noção de incerteza faz parte do repertório de muitas disciplinas – da matemática à astronomia, passando pela lingüística, biologia, sociologia, antropologia, história ou educação. Diferentemente do que acontece em outros campos, no entanto, a incerteza na arte aponta para a desordem, levando em conta a ambiguidade e a contradição. A arte se alimenta da incerteza, da chance, do imprevisto, da especulação e ao mesmo tempo tenta contar o incontável ou mensurar o imensurável. Ela dá espaço para o erro, para a dúvida e até para os fantasmas e receios mais profundos de cada um de nós, mas sem manipulá-los. Não seria o caso, então, de fazer com que os vários modos de pensar e de fazer da arte pudessem ser aplicados a outros campos da vida pública?

Aprender a viver com a incerteza pode nos ensinar soluções. Compreender diariamente o sentido da Incerteza Viva é manter-se consciente de que vivemos imersos em um ambiente por ela regido. Assim, podemos propor outras formas de ação em tempos de mudança contínua. Discutir incerteza demanda compreender a diversidade do conhecimento, uma vez que descrever o desconhecido significa interrogar tudo o que pressupomos como conhecido. Significa, ainda e também, valorizar códigos científicos e simbólicos como complementares em vez de excludentes. A arte promove a troca ativa entre pessoas, reconhecendo incertezas como sistemas generativos direcionadores e construtivos.

Opavivará! "Gozashisha" na Orla Bardot (bab 2010)





CHARIF BENHELIMA Studie # 5, from the Black-Out series, 2010 (Geribá, Búzios)



CHARIF BENHELIMA Studie #2, from the Roots series, 2010 (Rua do Sossego, Búzios)

ARmanDO MaTTos
clauDIA HerSZ
osMAR diLLon
THais medEIROS
RAoni MoRenO
OPAvivArá!
RobErTO CorrêA doS SanTOs
LAura LiMa
Iara Rosa
CHariF BenheLiMa
ClaUDio MartINs
MiLEs
GiLia PaeS
Vlrgilio BaHdE

